



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



A História contada em Movimentos Corporais¹

Sandra Rejane Viana de Almeida²
Artemis de Araújo Soares³

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de demonstrar como o corpo tem o potencial para comunicar histórias através de movimentos sincronizados, tal como a dança folclórica, revelando os aspectos culturais, suas relações com o meio ambiente, convivências com o outro, como também as figurações de guerra e de paz. Sua escrita é justificada pela importância em descrever os relatos que são fundantes para a manutenção da memória de povos indígenas extintos no período da colonização da Amazônia, essa descrição é feita através da dança presentes nos movimentos folclóricos e recontam o cotidiano de uma sociedade que tem em suas tradições a herança de hábitos e crenças destes povos. Buscou-se a realização de pesquisa de campo com a finalidade de fundamentar as percepções dos participantes, identificando suas afinidades e envolvimento afetivo com as simbologias pesquisadas, tendo como resultado uma rica descrição do seu significado para esta sociedade, e assim, analisando-os sob o olhar da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Os resultados foram satisfatórios e expressam as possibilidades existentes na corporeidade para definir e destacar a criatividade e a preocupação do homem amazônico em recontar o contexto histórico já descrito na vasta literatura existente e que tratam dos povos tradicionais amazônicos durante a colonização do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Historicidade; corporeidade; dança; tradições culturais

Introdução

O trabalho está demonstrando a importância do corpo para retratar os eventos históricos através dos símbolos, tais como as danças folclóricas. Está fundamentado em

¹ Trabalho apresentado no GT 5 – Corporeidade e Práticas Corporais dos Povos Tradicionais.

² Mestranda em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM. E-mail: srejanalmeida@gmail.com

³ Doutora em Ciência do Desporto pela Universidade do Porto. E-mail: artemissoares@yahoo.com

pesquisa bibliográfica através da qual buscou-se analisar as várias obras que tratam da historiografia amazônica e da corporeidade fundamentada na fenomenologia de Merleau-Ponty.

A pesquisa de campo foi realizada no município de Silves no período de 05 a 08 de setembro de 2018 com a finalidade de coletar dados, a fim de fundamentar a pesquisa e descrever as narrativas com mais fidelidade. Realizou-se uma entrevista com um ex-líder do Grupo Folclórico Tribo Guanavenas, via e-mail, no dia 20 de outubro de 2018, ratificando a congruência da história oral.

Em virtude da proeminência das manifestações culturais presentes em nossa região, cada uma com suas particularidades ou semelhanças, convém descrevê-las ao notar sua importância para a formação dos povos tradicionalmente estabelecidos no Estado do Amazonas.

Deve-se destacar que é uma característica nas cidades do interior a realização de Festivais Folclóricos, o fato não é um fenômeno recente pois nos meados do século dezenove já haviam registros desses eventos espalhados pelo estado amazonense, e principalmente na Capital Manaus, conforme as afirmações de Braga (2002, p.15), que nos relata sobre o início das apresentações dos bois-bumbás e que estas atrações foram as primeiras a darem os primeiros passos a estas tradições.

Trata-se de movimentos que envolvem entretenimento, responsabilidade social e a manutenção da cultura. Em sua grande maioria tem a dança como protagonista de suas atrações. As modalidades variam, desde bois-bumbás a quadrilhas, ambos com suas origens no nordeste brasileiro, os rituais afro-brasileiros, danças dos contextos sulistas e sudeste brasileiros, e as que envolvem os rituais e a cosmologia indígena amazônica.

Neste trabalho busca-se destacar e descrever a Dança do Cacetinho que tem sua origem no século passado, anos 50, no município de Tefé, e se espalhou por vários municípios amazonenses, inclusive em Manaus, na qual teve sua representatividade por vários grupos folclóricos, dentre eles o Cacetinho do CEFET, Os Tarianos e outros mais, e atualmente o Cacetinho Manaós.

Observou-se que os nomes dos grupos de Dança do Cacetinho sempre remetem a homenagens aos povos indígenas existentes ou já extintos da região amazônica.

Entretanto, o que gostaríamos de destacar é o Cacetinho que existe no município de Silves, o qual teve seus momentos de glória e a permanência de suas atividades perdura até os dias atuais, e recebe o nome de Tribo Guanavenas, e apresenta um viés histórico como pano de fundo.

1. Guanavenas, Caboquenas e Buruburus: a persistência em manter-se vivo, mesmo após ser aniquilado

Sendo o Amazonas o palco de uma história de exploração, dominação, escravização de povos que aqui viviam ou que para cá vieram, fica claro que em cada lugar, cada cidade do interior e vilas, nelas os povos têm um relato histórico de embates com os colonizadores que por aqui passaram, ao longo deste vasto período e séculos de dominação.

A escravização de indígenas na região amazônica no período colonial visava a exploração de mão de obra para exploração das afamadas “drogas do sertão” para a sua extração, no transporte aquático como remadores, dentre outros serviços, conforme a narrativa de Moacir Andrade (1985, p. 16) “ [...] o povoamento e organização de equipes para o interior a fim de coleta de drogas do sertão, sem dúvida com a colaboração de índios escravizados, já afeitos a esse tipo de trabalho”.

Assim podemos perceber que os povos indígenas presentes nesse período presenciaram a ganância de europeus e vivenciaram sofrimentos advindos deste processo.

Os sacerdotes que estiveram presentes nesse período, nesta localidade aqui mencionadas, eram pertencentes a Ordem de Nossa Senhora das Mercês, de origem espanhola, da cidade de Barcelona, fundada em 1218, tal como as demais ordens eclesiásticas vinham na missão de doutrinar e “domesticar” indígenas.

Silves, interior do Amazonas está entre um dos mais antigos povoados do Estado, a área do município está localizada na calha do rio Urubu⁴, uma região de lagos,

⁴ Afluente do rio Amazonas, que tem sua nascente no município de Presidente Figueiredo.

denominado Saracá⁵. O lugar é citado por escritores que narraram a história do Amazonas em antigas obras, sobre o local prossegue a narrativa em Moacir Andrade (1985, p.16)

“[...] Por volta de 1663, Pedro da Costa Favela e Frei Teodósio da Veiga, da irmandade dos mercedários, que já tinham visitado a região do rio Urubu – lugar onde cinco anos antes foram massacradas as tribos dos Buruburus, Guanavenas e Caboquenas [...]”.

A descrição das narrativas revela a presença de povos indígenas que o habitavam e mantinham parcerias de trabalho escravo de indígenas, e eram aliados dos colonizadores que os exploravam, conforme descrito por Hernâni Donato (1996, p. 84):

A penetração do poder lusitano no vale amazônico, empregando métodos escravagistas disfarçados nas “expedições de resgate”, sugeriu aos indígenas coligações defensivas de que foi exemplo aquela integrada por caboquenas, buruburus e guanavenas. Começaram operações atacando a expedição do srg-mor Antônio Arnau de Vilela, o qual morreu, com boa parte de seus homens, na foz do rio Urubu, junto da missão de Saracá. A reação partiu de alf. João Rodrigues Palheta, guarnecendo a própria missão, o qual praticamente dizimou os caboquenas.

O final deste embate resultou em um massacre aos povos indígenas, em desvantagem, assassinando-os, e aos sobreviventes os fez reféns de guerra, sendo conduzidos à Belém pelo famigerado Pedro da Costa Favela no ano de 1663.

Hoje, Silves consta como um dos municípios que não possuem populações indígenas. Entretanto o que temos é uma miscigenação, nordestinos, luso-hispânicos, negros, e apenas resquícios raciais indígenas.

Porém o que há em ressaltar é a nobreza em manter sólida a memória dos que habitaram aquelas terras e dela foram expatriados, conforme a descrição de Sílvia Aranha sobre este povo: “[...] O que se tem passado aqui é a vida pequena, humilde, sofrida, muitas vezes solitária, não porém sem beleza e heroísmo”. (ARANHA, 1991, p.12).

Nota-se nesta população, que apesar da extinção dos indígenas locais, muitos costumes destes povos ainda são preservados e podem ser observados em ações

⁵ A denominação dada à missão, e posteriormente nominou o lago em cujo centro se encontra a ilha de Silves.

presentes como na culinária, na pesca, no modo de conservação do caça e da pesca (moquém)⁶, nas benzedeadas, o gosto pelos banhos de rios, na linguagem, e ainda nos modos de brincar das crianças (o pote)⁷. Há em seu cotidiano a preservação de costumes tipicamente indígenas.

Os relatos históricos confirmam a extinção destes povos, porém é suscitado neste trabalho alguns questionamentos: Quais as possibilidades de sobreviventes dentro dos clãs? O que se fez das mulheres e crianças? Por enquanto estas indagações ficarão apenas em nossas mentes, despertando reflexões e curiosidades e que talvez se manterá com um caráter perene.

No ano de 1952 durante as escavações do terreno para a construção da praça a ser erguida em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, foi descoberto um sítio arqueológico que continha urnas funerárias e objetos indígenas, pois para o espanto da população silvense, que diante da materialidade que se revelava, depararam-se com a realidade, pois até então a história só era conhecida através das narrativas dos homens antigos do lugar que a contavam e recontavam de geração a geração.



Figura 1. Praça da Igreja de Nossa Senhora da Conceição nos idos de 1980. Acervo do Grupo Folclórico Tribo Guanavenas

⁶ Forma de assar e conservar a carne.

⁷ Brincadeira de origem indígena que pode ser realizada com três participantes e consiste em formar um banquinho com os braços de duas crianças, sobre o qual a terceira criança senta e se equilibra, enquanto os que a conduzem não podem deixá-la cair, senão quebra o “pote”.

Os achados arqueológicos neste período foram recolhidos e manipulados pelos padres da Igreja, e hoje, esses utensílios se encontram no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), expostos à visitação.

Observa-se que o tecido social presente o desenha como um retrato típico do que ocorre aos povos tradicionais da Amazônia, pois vivenciou fatos históricos nos quais os sujeitos encontram-se bem definidos em um contexto que destaca o dominador e o sujeito dominado, tendo a presença de um lado os portugueses e espanhóis e de outro os indígenas que acreditavam que haviam encontrado aliados, e de certa forma concordavam em serem explorados, a si e aos seus iguais.

2. O discurso do corpo

Em virtude da importância dos fatos históricos aqui narrados, o povo silvense sempre buscou formas de manter viva a memória destes povos que eram originais do local. Uma das principais formas encontradas para o fazê-lo é a da tradição folclórica, densamente presente no calendário de festas do município, que sempre foi destaque no Estado do Amazonas por sua criatividade, pois ao se manifestar encantavam o público presente, quer fossem elas constituídas pelos filhos da terra ou por visitantes.

A atração de maior interesse era a apresentação do Cacetinho Tribo Guanavenas, que possuía um diferencial, pois, na versão silvense ela faz alusão a um dos povos extintos.

A partir da solidez histórica, a dança presente nesta simbologia, primeiramente narra o que seria um embate entre povos rivais, mas que ao seu final firmam um acordo de paz, e a celebram entre si, com a culminância em uma festa. Esta é a proposta inicial criada em Tefé.

Quando o povo silvense utiliza o corpo através da dança, traz a memória o que foi a existência destes povos e a violência por eles sofrida, a barbárie que os vitimou e aniquilou. Demonstrem aos expectadores uma das faces da história que os permeia, existindo em um dado momento nuances expostas que se entrecruzam.

Por um lado, é demonstrado o sentido original da simbologia criada na dança, através da representação folclórica, e por outro revela a história do massacre de um povo, bem como as consequências da colonização da Amazônia, e externa a memória deste povo que persiste em não esquecer a descrição histórica.

Podemos descrever esse conhecimento sobre o passado como uma paisagem a ser vislumbrada, através da qual o corpo se relaciona. Neste sentido Merleau-Ponty sustenta que sob o “olhar” o objeto torna-se translúcido, que existem várias possibilidades de extrair o conhecimento a partir dos variados ângulos da visão e em um aspecto transcendental, como nos relata:

Na visão, ao contrário apoio o meu olhar em um fragmento da paisagem, ele se anima e se desdobra, os outros objetos recuam para a margem e adormecem, mas não deixam de estar ali. Ora, com eles tenho a minha disposição os seus horizontes. (1999, p. 104).

Esta modalidade folclórica requer de seus participantes muita resistência e força física, destreza, agilidade, pois os passos envolvem jogos de pernas e braços em movimentos precisos e sincronizados, através do uso de instrumentos de madeira roliça a saber: uma peça grande medindo 1,50cm e duas peças pequenas de 60cm. A indumentária é detalhada com o uso de plumas artificiais e os dois povos são distinguidos por duas cores o branco e o vermelho.

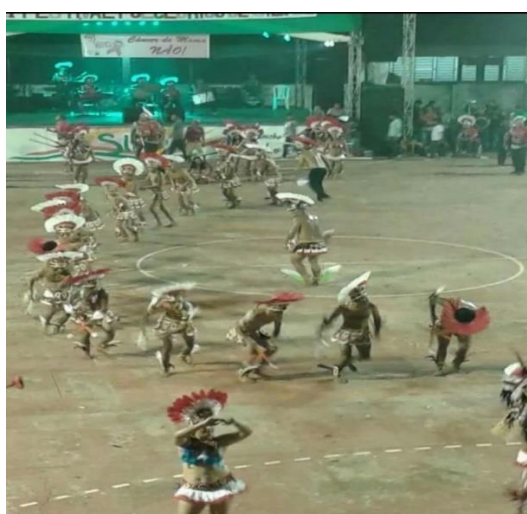


Figura 2. Apresentação da Dança do Cacetinho: Tribo Guanavenas em 2014. Acervo do Grupo Tribo Guanavenas

Em seus primórdios só existia a presença masculina no corpo principal da dança, a presença feminina era coadjuvante, o fato acontecia por esta exigir muita resistência física, e que talvez só as mais preparadas fisicamente suportariam. As poucas jovens que estavam presentes eram as que representavam as figuras como a da “índia branca”, que retrata a miscigenação presente no povo amazônico, especialmente a que remete a presença do não-indígena, especificamente do europeu.

Hoje, existem nas fileiras principais a presença do corpo feminino que é impulsionado por um novo contexto que se insere na atualidade, no qual o desafio está em superar os limites do corpo, que se encontra mais preparado em seu condicionamento físico.

É importante destacar que para que todo este evento possa acontecer, ocorrem periodicamente os ensaios do conjunto que compõem a dança, desde sua entrada no ambiente da apresentação, os passos individualmente, até o momento da saída do local. Todo esse procedimento é didaticamente conduzido por um líder que ao som de um apito dá os comandos aos brincantes.

Este hábito entre os jovens locais, tornou-se parte de sua mocidade, sendo considerado por eles um patrimônio cultural que não pode ser esquecido. Deve-se observar como as manifestações culturais fincam suas raízes e se manifestam através das falas que o corpo expressa, neste sentido Soares elucida este fenômeno:

Isto implica objetivamente em que cada sociedade desenvolve uma maneira peculiar de expressão corporal, a qual é evidenciada pelo movimento físico. A percepção dessas técnicas varia de sociedade para sociedade, visto que por sua vez submetidas à ação pedagógica, e esta resulta de uma produção local ou pelo menos de aplicação local. (2014, p.39).

Todos os passos se constituem como uma narrativa da relação que o homem deve ter com a natureza e estão descritos em desenhos que o corpo relata, como o que ocorre no passo denominado de “o mocotó da anta” que consiste em uma mistura de equilíbrio, sincronia e parceria entre os brincantes que se movimentam, construindo linhas curvas, cada um segura o próprio tornozelo, seguindo a linha contínua e observando o ombro do parceiro da frente.

Esta e outras representações contidas na expressão da fala do corpo revela a concepção fenomenológica de Merleau-Ponty quando afirma que “o conhecimento expresso a outrem advém das sensações e percepções que o corpo absorve e a externa, posicionando-se sobre uma determinada opinião em decorrência de um fato ou de uma opinião”. Neste sentido entende-se que o corpo estabelece uma relação dialética com a memória, demonstrando não apenas a dualidade existente entre si, revelando opiniões.

2.1. Relatos de uma vida envolvida com a cultura Local

O teor da entrevista realizada com o sr. Manoel Antônio Socorro Neves Martins, silvense, professor na Rede Pública de ensino, ex-líder do Grupo Folclórico Tribo Guanavenas, nos revela a substancialidade da memória dos povos que habitavam a região do rio Urubu. Foram elencadas algumas questões que estão implícitas neste trabalho e as consideramos importantes para desvelar a percepção dos envolvidos, sua vontade em propagar às futuras gerações as suas particularidades culturais, apesar das eventuais dificuldades financeiras.

Segundo as palavras do entrevistado o grupo folclórico surgiu no município de Silves no ano de 1953, e:

“A origem da Dança do Cacetinho está intimamente ligada à história do Município, pois foi em 1953, época em que houve a maior cheia do rio Amazonas e que chegaram a Silves algumas famílias em busca de terra firme para morarem, dentre a “Meireles Lhips”, cujo viúvo, casou-se com uma cabocla saracaense⁸ chamada Edna Marizeiro, radicando-se no bairro da Vila Costa, que juntamente com irmãos, filhos e outros silvenses que gostavam de folguedos folclóricos e brincadeiras de junho, como os cidadãos (moradores de Silves) Baré, Caxilé, Preto Andrade, Aguinaldo Garcia e outros, fundaram a Tribo Os Guanavenas, nos moldes das tribos de Tefé, que contribuíram, não só com a cultura daquele município, mas de todo o Estado do Amazonas. E a Tribo Os Guanavenas origina-se dessas tribos”.

O entrevistado relatou sobre o início das atividades do grupo e afirma que:

“Ocorreram no ano de 1954 tendo como fundador do grupo o sr. Esmeraldo Meireles Lhips, e no decorrer dos anos outras lideranças surgiram, conservando assim a tradição, entre eles estão Djalma

⁸ Termo usado pelos silvenses para denominar os que nascem as margens do lago Saracá.

Meireles Lhips, Francisco Martins Corrêa, Izidório Tenório de Almeida (Sidoca), Francisco de Azevedo Leite (Lau), Lázaro Batista (Boca de Balde), Vitor Corrêa da Silva (Vitinho), Estefânio Batista Neto, Marçal Pereira Batista Filho, José Carlos Andrade Grana, e atualmente Manuel Gonçalves Pinto Neto”.

O grupo folclórico teve sua maior expansão na década de 1980, pois através dele muitos visitantes deslocavam-se dos municípios vizinhos para prestigiar os festivais folclóricos silvenses.

O entrevistado comenta sobre a importância de um jovem em participar do grupo Guanavenas, pois assegura que de certa forma há nesta prática uma forma de evidenciar a importância histórica e em manter viva a memória dos nativos do lugar. E declara que: “Primeiramente o jovem ou a pessoa precisa gostar de dançar, interagir e amar o grupo folclórico. Não importa a idade ou o sexo, apesar de que no início apenas homens poderiam participar da tribo”.

Destacamos aqui a existência de um fato incomum, pois observa-se que para ele não existe um grupo rival na sua modalidade, é único, não existe outro similar, não há concorrentes. Por tanto pode-se dizer que suas apresentações são com o objetivo de adentrar no universo da historicidade, anunciando os feitos hediondos a partir das mãos do colonizador.

Em sua fala o entrevistado destaca que na presente data o grupo permanece em atividade, porém tem encontrado muitas dificuldades financeiras para manter-se, sendo que sobrevive unicamente com as contribuições de seus participantes, que pela vontade de ver a continuidade de sua cultura, esforçam-se e custeiam seus próprios trajes e adornos.

3. A música que envolve o corpo na tradição folclórica

A linguagem musical que adorna as simbologias presentes na dança é executada a partir de solos instrumentais, e em sua maioria são as mesmas que migraram juntamente com este projeto folclórico do município de Tefé, exceto as inserções de um novo passo no início dos anos noventa como a música “ Argumento” (1974) de autoria do Professor e Maestro Adelson Santos, que surgiu como um clamor em favor da Amazônia

ameaçada pela depredação iminente. Nesta coreografia, os brincantes expressam seus sentimentos e evocam o desejo pela harmonia entre os que lhes são diferentes, em favor do cuidado com o meio ambiente que se faz tão essencial para a vida de todos os seres que habitam a Amazônia.

No município de Silves estas melodias eram executadas ao som do violino pelo Sr. Francisco Martins Corrêa “Francisquinho Martins”. Esse momento ocorreu no período da sua criação até o início dos anos noventa.

A junção deste conjunto, corpo e música, podem ser considerados como a forma existente de externar o conhecimento absorvido, pois a percepção torna-se fundante sob a ótica fenomenológica, agudizada pela experiência que perpassa pelo corpo.

4.Considerações Finais

Com esta análise podemos considerar que as manifestações culturais presentes no Amazonas possuem uma simbologia muito além do olhar que o expectador pode contemplar, pois além da beleza visual existente em suas demonstrações de arte, exprimem as virtudes humanas incorporadas em sua historicidade, através da qual o corpo reporta-se no tempo e no espaço. No caso da dança dos Cacetinhos, podemos concluir que o corpo é o verdadeiro artista das cenas, pois comunica aos seus expectadores fatos históricos por ele desvelado, a relação de interdependência entre o homem e o meio ambiente, a necessidade de subsistir culturalmente em meio às intempéries sociais e econômicas, e ainda destaca a faustosa conquista da mulher em adentrar neste universo tradicionalmente masculino, assumindo um lugar proeminente no grupo folclórico, e não apenas como coadjuvante.

Isto nos conduz a uma reflexão acerca da pesquisa que ainda se faz necessária, a fim de realizar uma descrição mais detalhada das particularidades locais dos povos tradicionais da Amazônia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Moacir. **Manaus, ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderaro.1985.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. O boi é bom para pensar: estrutura e história nos bumbás de Parintins. **Somanlu**, v.2, especial, 2002

DONATO. Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**: dos conflitos com indígenas aos choques das reformas agrárias. 2.ed. São Paulo: IBRASA.1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

RIBEIRO, Sílvia Aranha de Oliveira. **Vida e morte no Amazonas**. São Paulo: Loyola, 1991.

SOARES, Artemis de Araújo. **O corpo na ritualística do povo Tikuna**. Manaus: EDUA. 2014.